

ANÁLISE DA PAISAGEM SOB A ÓTICA DA GEOGRAFIA DA PERCEPÇÃO NO BAIRRO DA RUA NOVA EM FEIRA DE SANTANA, BAHIA

Luís Magno Gomes das Virgens, Marcondes Araújo Campos, Alberto Luis de Freitas Souza,
Cleide de Loiola Esquivel e Jean Carlos Silva do Carmo*

RESUMO: *O objetivo deste artigo é fazer uma breve análise da paisagem do bairro Rua Nova, em Feira de Santana, sob a ótica da Geografia da Percepção. Tentaremos mostrar como a percepção que as pessoas têm do bairro influenciou, ou continua influenciando, na ocupação do espaço, no modo de vida adotado por seus moradores e no desenvolvimento de políticas públicas voltadas para o lugar em questão. Para isto, adotamos como principal instrumento de trabalho a pesquisa de opinião junto a moradores do próprio bairro, a fim de captar as idéias que eles possuem acerca do lugar onde moram, e também junto a moradores de outros bairros da cidade, para aferirmos suas opiniões a respeito da Rua Nova.*

Palavras-chave: Percepção; Pertencimento; Identidade; Lugar

1. INTRODUÇÃO

Desde que foi sistematizada como ciência por Humboldt e Ritter no século XVIII, a Geografia tem gestado diversas formas de abordagens acerca das relações do homem com o ambiente em que vive. As correntes de pensamento mais marcantes na história desta ciência foram, sem dúvida, as teorias ditas deterministas de Ratzel, o possibilismo de Vidal de La Blache, a Geografia Cultural do início do século XX de Carl Sauer, o mecanicismo neopositivista dos teórico-quantitativistas e o economicismo da Geografia Radical, fundamentada no marxismo. Todos eles estruturados, de alguma forma, sobre a base comum do racionalismo cartesiano que marcou todo o pensamento da história ocidental desde o Século das Luzes.

Nos últimos trinta anos, porém, uma nova corrente de idéias emergiu, trazendo à superfície uma fonte de conhecimento que sempre alimentou os mais nobres sonhos da humanidade, mas nunca teve sua importância reconhecida pelo saber oficial: o sentimento. Presentes em todas as manifestações culturais do mundo moderno que se contrapuseram ao racionalismo, as emoções do ser humano marcaram, por exemplo, as diversas linguagens artísticas do romantismo, no século XIX, o expressionismo do início do século XX, o surrealismo da década de 1920 e a explosão de utopias da década de 1960, com o Movimento Hippie e as passeatas estudantis iniciadas na França em 68 e logo disseminadas por vários outros países ocidentais, inclusive o Brasil.

Atentos a esses acontecimentos históricos e insatisfeitos com os resultados obtidos pelas análises racionalistas, vários geógrafos deixaram-se conduzir pelos ventos da pós-modernidade e passaram a direcionar seus estudos para uma nova forma de concepção geográfica do mundo,

* Graduandos do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Orientador: Onildo Araújo da Silva, Professor do Departamento de Ciências Humanas e Filosofia - Curso de Geografia da UEFS.

estabelecendo as bases do que logo se convencionou chamar de Geografia Humanista. O sentimento, as emoções, passaram a servir de referencial para as análises geográficas, dando um novo sentido e revitalizando idéias, categorias e conceitos próprios da Geografia, como paisagem, lugar, modo de vida e espaço vivido. Autores como Paul Claval e Yi-Fu Tuan têm dado uma rica contribuição aos debates sobre este tema, permitindo não apenas o resgate da Geografia Cultural, mas conferindo a esta uma dimensão muito mais ampla e profunda. Dentro deste contexto, a Geografia da Percepção destaca-se pela ênfase que dá aos aspectos subjetivos da geograficidade, pela valorização das relações psicológicas e afetivas que as pessoas têm com o lugar onde vivem.

Este prelúdio foi necessário para justificar a escolha do tema e da metodologia empregada na elaboração deste trabalho. Escolhemos o bairro Rua Nova devido a suas peculiaridades, que o diferenciam de forma marcante dos demais bairros de Feira de Santana. A começar por sua história:

2 . RUA NOVA: HISTÓRIA E GEOGRAFIA HISTÓRICA DE UM LUGAR

O bairro Rua Nova tem uma população de 13.991 pessoas (dados do escritório local do IBGE, referentes ao ano 2.000) e fica localizado na parte oeste da cidade de Feira de Santana. Sua origem está relacionada à problemática das questões fundiárias. Sem terra para construir suas casas, várias famílias carentes iniciaram, na década de 40, um processo de invasão pacífica da fazenda que existia no local, de propriedade de dona Ernestina Carneiro, mais conhecida como dona Pomba. Foram chegando aos poucos, demarcando lotes e construindo suas casas, sem que dona Pomba os importunasse. Em pouco tempo, a antiga fazenda foi transformada num conjunto de pequenas casas, enfileiradas em ruas estreitas e tortuosas, constituindo uma paisagem com características próprias no cenário urbano de Feira de Santana.

A população da Rua Nova é constituída, em sua grande maioria, por negros e mulatos, que garantem a sobrevivência no mercado informal, como pedreiros, pintores, eletricitas, corretores de automóveis, costureiras ou como pequenos comerciantes, a exemplo de donos de bares, mercearias e armarinhos. Outro contingente representativo é constituído por músicos e capoeiristas, que tiram o sustento em apresentações esporádicas. O IBGE não dispõe de números sobre este universo de trabalhadores. Outra atividade presente no bairro, esta marginal, é o comércio de drogas, principalmente a maconha. Há no bairro várias “bocas de fumo” que abastecem viciados de toda a cidade.

A presença do Poder Público na Rua Nova se faz notar por um módulo policial, uma escola municipal e um posto de saúde da Prefeitura. Em 1979, a Prefeitura dotou o bairro todo de pavimentação, realizou obras de saneamento em várias ruas, além de construir a praça Ernestina Carneiro, onde existe o busto de Dona Pomba, a legenda do lugar.

Bastante característico da Rua Nova é a imensa popularidade do reggae, ritmo musical jamaicano de forte conteúdo ideológico, sempre associado à resistência das populações afro-americanas contra os preconceitos racial e social. É lá que mora Jorge de Angélica, um talentoso compositor e cantor de reggae, e Libu do Reggae, cujo apelido revela as vinculações artísticas. Outra característica negra do bairro é a existência de um grande número de terreiros de candomblé. Há na Rua Nova 13 templos dessa religião de origem africana. A primeira casa construída na antiga fazenda de dona Pomba, há muitos anos, é um terreiro de candomblé, comandado pelo babalorixá Afonso Queiroz. Outro terreiro bastante conhecido é de Mãe Socorro, babalorixá que exerce forte liderança no bairro.

A Rua Nova também tornou-se conhecida por suas entidades carnavalescas. O bairro possuía quatro escolas de samba, reunindo um grande número de foliões, além de vários grupos

de afoxé, que desfilavam pomposamente nas micaretas de Feira de Santana. A crescente industrialização da festa, entretanto, com a proliferação dos blocos de Micareta, verdadeiras empresas voltadas para o divertimento da classe média, foi aos poucos debilitando essas entidades, que hoje são apenas um arremedo do que eram no passado. Mas não foi apenas no setor cultural que a Rua Nova ganhou destaque. Também na política comunitária o bairro serviu de exemplo para a cidade, com o trabalho desenvolvido pela Associação de Moradores da Rua Nova, conhecida em toda Feira de Santana como AMORUN. O sociólogo Ildes Ferreira acompanhou, como assessor do Movimento de Organização Comunitária (MOC), as lutas da AMORUN nas décadas de 70 e 80, e afirma que a entidade era bastante representativa e atuante.

3. A PESQUISA: CONFRONTO DE PERCEPÇÕES

A história da Rua Nova e as características do bairro que refletem essa história, produziu entre em seus moradores uma percepção bem definida acerca do lugar onde moram. Ao mesmo tempo, forjou entre os moradores de outros bairros da cidade também uma percepção definida. Só que, no primeiro caso, prevalece uma concepção favorável, inversamente do que ocorre entre os moradores de outras partes de Feira de Santana. Para os moradores da Rua Nova, o bairro é principalmente um lugar de alegria e solidariedade. Para os habitantes de outros bairros, o que prevalece ali é a pobreza e a marginalidade.

Esta oposição de visões ficou evidenciada na pesquisa que realizada, ouvindo 20 pessoas da Rua Nova e 20 pessoas de outros bairros. O universo pesquisado foi pequeno, mas acreditamos que representa muito bem a idéia que a população feirense tem daquele bairro. Na pesquisa, pedimos ao entrevistado que dissesse cinco palavras que lhe viessem à mente quando pensassem na Rua Nova. Procuramos com isto identificar as opiniões mais genuínas do entrevistado, afloradas naturalmente do seu subconsciente, sem qualquer interferência de cunho racional. Partimos do princípio de que é este tipo de opinião que melhor reflete, ou mesmo determina, a natureza das relações que as pessoas têm umas com as outras e com o ambiente em que vivem.

Ouvimos, para isto, pessoas das mais diversas faixas etárias, de várias profissões e diferentes graus de escolaridade. A seguir serão apresentadas fotos juntamente com o resultado da pesquisa em forma de tabela, com cada palavra acompanhada pelo número de vezes que aparece no questionário:



Figura 1



Figura 2

Figura 1- Praça dona Ernestina Pomba no bairro da Rua Nova (SOUZA, 2003).

Figura 2- Entrada principal do bairro da Rua Nova (SOUZA, 2003).

QUADRO 01- COMPARATIVO DE PALAVRAS E EXPRESSÕES COM JUÍZO DE VALOR NEGATIVO UTILIZADAS POR MORADORES E NÃO MORADORES DO BAIRRO AO SE REFERIREM À RUA NOVA

MORADORES		NÃO MORADORES	
Palavras e expressões	Nº de ocorrências	Palavras e expressões	Nº de ocorrências
Violência	04	Pobreza	08
Esquecimento	01	Violência	08
Incômodo/som alto	01	Drogas	03
Briga	01	Sem infra-estrutura	02
Conspiração	01	Prostituição	02
Discriminação	01	Marginalização	02
Drogas	01	Perigos	01
Carência	01	Sujeira	01
Falta de educação	01	Vagabundagem	01
Falta de saneamento	01	Doença	01
-----	-----	Dificuldade	01
-----	-----	Desemprego	01
-----	-----	Falta de policiamento	01
-----	-----	Falta de escolas	01
-----	-----	Falta calçamento	01
-----	-----	Carência	01
-----	-----	Boca de Fumo	01
TOTAL	13	TOTAL	36

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelos autores e orientador



Figura 3



Figura 4

Figura 3- Organização das principais ruas no bairro da Rua Nova (SOUZA, 2003).

Figura 4- Comércio informal da Rua Nova (SOUZA, 2003).

QUADRO 02- COMPARATIVO DE PALAVRAS E EXPRESSÕES COM JUÍZO DE VALOR POSITIVO UTILIZADAS POR MORADORES E NÃO MORADORES DO BAIRRO AO SE REFERIREM À RUA NOVA

MORADORES		NÃO MORADORES	
Palavras e expressões	Nº de ocorrências	Palavras e expressões	Nº de ocorrências
Convivência	04	Festa	05
Segurança	04	Cultura	03
Amizade	03	Negritude	02
Alegria	03	Resistência	01
União	02	Alegria	01
Amor	02	Musicalidade	01
Diversão	02	Confraternização	01
Família	02	Companheirismo	01
Cultura	02	Partilha	01
Lazer	02	Felicidade	01
Festa	01	Lazer	01
Comunidade	01	Acolhimento	01
Renovação	01	Amizade	01
Autonomia	01	Unidade	01
Amigos	01	-----	-----
Importância	01	-----	-----
Bom lugar	01	-----	-----
TOTAL	33	TOTAL	36

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelos autores e orientador



Figura 5



Figura 6

Figura 5- Canal a céu aberto na Rua Nova (SOUZA, 2003).

Figura 6- Imagem da precariedade no bairro da Rua Nova (SOUZA, 2003).

QUADRO 03- COMPARATIVO DE PALAVRAS E EXPRESSÕES NEUTRAS OU SEM JUÍZO DE VALOR UTILIZADAS POR MORADORES E NÃO MORADORES DO BAIRRO AO SE REFERIREM À RUA NOVA

MORADORES		NÃO MORADORES	
Palavras e expressões	Nº de ocorrências	Palavras e expressões	Nº de ocorrências
Reggae	06	Reggae	07
Dona Pomba	04	Negro	04
Música	03	Populoso	03
Movimentos	02	Escola de Samba	02
Reformas	01	Tráfego	02
Paulo Brasileiro	01	Futebol	02
Bares	03	Candomblé	01
Arrastão	02	Criança	01
Feirinha	02	Social	01
Jardim de Dona Pomba	02	Regular	01
Libu do Reggae	02	Arrastão	01
Dança na rua	01	Popular	01
Parque	01	Proximidade	01
Esporte	01	Periferia	01
Jorge de Angélica	01	Movimentado	01
Posto de Saúde	01	Lavagens	01
AMORUN	01	Mulheres	01
Cotidiano	01	Canal aberto	01
Correria	01	Transporte	01
Ernestina Carneiro	01	Jorge de Angélica	01
Cerveja	01	Colbert	01
Escola Ernestina	01	Cumplicidade	01
Praça da Fraternidade	01	Reduto	01
Riacho	01	Bar de Ralfinho	01
Garotada	01	Decisivo	01
Proximidade	01	Histórico	01
Escola	01	-----	
Terreiros	01	-----	
Samba	01	-----	
Mulher	01	-----	
Colbert	01	-----	
Localização	01	-----	
Brasão	01	-----	
TOTAL	50	TOTAL	40

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelos autores e orientador

Vê-se, pois, que, entre os moradores de outros bairros, as palavras que denotam uma avaliação negativa somam 36, com destaque para *Pobreza* e *Violência*, enquanto as que transmitem uma avaliação positiva somam 21, destacando-se *Festa* e *Cultura*. As palavras neutras são 40. Já entre os moradores da própria Rua Nova, as palavras negativas somam 13 (com destaque para *Violência*), enquanto as que traduzem uma visão positiva somam 33 (destaque para *Convivência* e *Segurança*), e as neutras são 50.

É de notar, entretanto, que, entre os moradores da Rua Nova, algumas palavras neutras, embora não sejam adjetivadas, podem ganhar valoração positiva se as interpretarmos à luz da história e da cultura do bairro. É o caso de *Dona Pomba*, *Jardim de Dona Pomba*, *Jorge de Angélica*, *Libu do Reggae*, *AMORUN* e *Colbert*. Todas elas representam elementos que estão no imaginário dos moradores, que são alvo de seu carinho, respeito, reconhecimento e admiração. As cinco primeiras palavras, por estarem associadas à história, à cultura e à cidadania do bairro - *Colbert* refere-se a Colbert Martins, o ex-prefeito falecido em 1993, responsável pela pavimentação e parte do saneamento do bairro, e também pela construção do Estádio Beira-Rio e da praça Ernestino Carneiro. A Rua Nova era um reduto eleitoral inexpugnável de Colbert Martins. O carinho que o povo do lugar lhe devotava era tão grande que, quando ele morreu, seu corpo teve que ser levado em carreta pelo bairro antes de ser conduzido ao cemitério para sepultamento.

Há também, entre as palavras favoráveis, uma expressão que, embora tenha sido citada uma única vez, merece uma atenção especial: “Dança na rua”. A expressão deve ser destacada por sua expressividade, pelo seu conteúdo poético, pela significação profunda, pelo fato de não apenas aludir a um acontecimento cênico, mas por traduzir todo um espírito do lugar, transmitido de outra forma por outros entrevistados, através de palavras como *alegria*, *festa*, *convivência*, *amor*, *diversão*, *amigos*, *segurança*, *amizade* e *cultura*. Para nós interessa mais ainda o fato de que a expressão remete a uma fisicalidade geográfica: a dança é *na rua*, espaço público, coletivo e não num clube, que pode ser privado, elitizado. Isto remete à questão da territorialidade, na medida em que traduz um território, definido aqui como “*relações sociais projetadas no espaço*”, ou “*um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre “nós” (o grupo, os membros da coletividade ou “comunidade”, os insiders) e os “outros” (os de fora, os estranhos, os outsiders)*”. (SOUZA, 1995).

As festas coletivas da Rua Nova são eminentemente festas *de rua*, onde dançam, na maioria das vezes, ao som do reggae, os seus moradores, amigos e convidados. Os *outsiders* temem ir ao lugar, por considerá-lo pobre, sujo, sem infra-estrutura e violento.

3.1 Estatísticas desmentem fama de bairro violento

A fama de bairro violento, entretanto, é de certa forma injusta, pelo menos se compararmos a Rua Nova com outros bairros da cidade. Seria ingenuidade negar que haja violência naquele lugar, principalmente levando-se em conta as condições sociais em que vivem seus moradores, muitos deles desempregados ou vivendo de biscates e subemprego. E também pelo fato de, inegavelmente, haver no bairro várias “bocas de fumo”, onde acontece tráfico de drogas. Mas, se verificarmos as estatísticas policiais, veremos que, no mínimo, existem outros bairros mais afetados pela violência, e que, no entanto, não têm a mesma fama que a Rua Nova. Segundo números do 1º Batalhão da Polícia Militar, referentes à criminalidade nos meses de agosto, setembro e outubro deste ano, a Rua Nova foi um dos que apresentaram menores índices de violência. Em agosto, por exemplo, foram registrados um homicídio e um estupro no Conjunto George Américo, uma tentativa de homicídio no Conjunto Feira X, dois roubos de

carro no Adenil Falcão e na Praça da Matriz (centro), um roubo de carro no Jardim Cruzeiro, uma prisão por consumo de drogas no Tomba e nenhuma ocorrência criminosa na Rua Nova.

Em setembro, a Polícia Militar registrou um estupro na Baraúnas, uma tentativa de homicídio no Sítio Mathias, outro na Queimadinha, um terceiro no Campo do Gado Novo e um quarto na Brasília, três roubos de veículo na Santa Mônica (bairro “nobre”), um roubo de carro no Sobradinho, duas motos roubadas no Conjunto Panorama, e apenas um acidente de trânsito na Rua Nova.

Em outubro, foram registrados vários homicídios na cidade: dois na Gabriela e no Parque Getúlio Vargas e um na praça da Matriz (centro), no Campo do Gado Velho, no Campo do Gado Novo, na Queimadinha, no SIM, na Mangabeira, no Feira X, no Conjunto Sérgio Carneiro, no Aviário, no Jussara e no Parque Panorama; também foram registrados cinco roubos de carro e uma tentativa de homicídio na Kalilândia (bairro nobre no centro da cidade), três roubos de carro no Jardim Cruzeiro, sete roubos de moto no Capuchinhos (bairro “nobre”), dois roubos de moto na Santa Mônica (bairro nobre), e apenas uma prisão por tráfico de drogas na Rua Nova.

Os números, portanto, fornecidos pela própria Polícia Militar, contradizem a percepção dos moradores de outros bairros de que a Rua Nova é um lugar particularmente violento.

5. CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta análise do bairro Rua Nova, procuramos mostrar a percepção que dele têm seus próprios moradores e também os habitantes de outros bairros da cidade. Confrontamos opiniões dos dois grupos, identificando entre elas discordâncias radicais, ângulos de visão totalmente diferentes, preconceitos e ufanismos, rejeições e auto-estima, depreciações e esperanças. *“Trata-se de interrogar os homens sobre a experiência que têm daquilo que os envolve, sobre o sentido que dão à sua vida e sobre a maneira pela qual modelam os ambientes e desenham as paisagens para neles afirmar sua personalidade, suas convicções e esperanças”*. (PAUL CLAVAL, 2001).

Buscamos projetar essas opiniões num pano de fundo constituído pela história e pela configuração geográfica do lugar, tendo em vista que *“a paisagem deve ser pensada paralelamente às condições políticas, econômicas e também culturais”* (SANTOS, 1997); ou que *“a Geografia Humanística claramente requer o conhecimento da História e da Geografia Histórica. (...) A História não é somente a passagem dos acontecimentos, mas a sua reconstrução consciente na memória do grupo para as finalidades correntes (...) A História exerce um papel essencial no sentido humano de territorialidade e lugar”*. (TUAN).

Encontramos tanto na história como na geografia histórica da Rua Nova o que acreditamos ser a base de sua espiritualidade, da formação de um senso comunitário, de definição de territorialidade, da consolidação de um sentimento de pertencimento ao lugar, da própria confirmação do conceito de lugar como espaço vivido, onde as pessoas fincam raízes sentimentais e forjam sua identidade.

Identificamos os elementos que constituem esta base: a forma de ocupação do espaço, através de uma invasão de terra pacífica, consentida, partilhada, marcada pela solidariedade; o recorte deste espaço ocupado, que se manteve por muito tempo isolado do resto da cidade; e a imagem de Dona Pomba, que, com seu gesto magnânimo, impregnou de forma profunda e definitiva o imaginário dos moradores, desde os mais velhos aos mais jovens, tornando-se um ícone aglutinador e constitutivo de uma consciência comunitária.



6. REFERÊNCIAS

CLAVAL, Paul. O papel da nova Geografia Cultural na compreensão da ação humana. In: ROSENDAHL e CORRÊA (org.) **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro. EdUERJ, 2001.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 5ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SOUZA, Marcelo José L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná de (et al) (org.) **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SOUZA, Alberto L. de Freitas. Fotos ilustrativas do bairro da Rua Nova, 2003.

TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. <http://sites.uol.com.br/ivairr/tuan.htm>